



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 19, v. 1
jan-jun.2023
p. 123-133

“Boca a boca”: sobre como nós, lésbicas, chegamos até aqui¹

(*“Boca a boca”: sobre como nosotras, lesbianas, llegamos hasta aquí*)

(*“Mouth to mouth”: on how we, lesbians, got here*)

Paula Silveira-Barbosa²

RESUMO: neste ensaio, discuto como fontes orais foram mobilizadas ao longo do tempo para preservar as memórias lesbianas. Se, por um lado, o testemunho foi, muitas vezes, a única evidência de nossas trajetórias, após ações deliberadas de apagamento, por outro lado, subsistiu nos testemunhos a possibilidade de continuarmos a existir. Articulo tal argumento a partir de uma revisão bibliográfica que considera estudos sobre as lesbianidades desde a Antiguidade até o presente. De cânticos entoados a deusas, passando por poesias e depoimentos, a cultura oral encontra-se profundamente imbricada às lesbianidades e ao modo como as acessamos.

PALAVRAS-CHAVE: lesbianidades; história oral, cultura oral.

Abstract: in this essay, I discuss how oral sources have been used over time to preserve lesbian memories. If, on the one hand, the testimony was, many times, the only evidence of our trajectories, after deliberate erasure actions, on the other hand, the possibility of continuing to exist remained in the testimonies. I articulate this argument based on a bibliographic review that considers studies on lesbianities from Antiquity to the present. From chants sung to goddesses, through poetry and testimonials, oral culture is deeply related with lesbianities and the way we access them.

Keywords: lesbianities; oral history; oral culture.

Resumen: en este ensayo, discuto cómo las fuentes orales se han utilizado a lo largo del tiempo para preservar las memorias lesbianas. Si, por un lado, el testimonio fue, muchas veces, la única evidencia de nuestras trayectorias, después de acciones deliberadas de invisibilización, por otro lado, la posibilidad de seguir existiendo resistió en los testimonios. Articulo este argumento a partir de una revisión bibliográfica que considera estudios sobre lesbianidades desde la Antigüedad hasta la actualidad. Desde los himnos dedicados a las diosas, pasando por la poesía y los testimonios, la cultura oral está profundamente entrelazada con las lesbianidades y la forma en que accedemos a ellas.

Palabras clave: lesbianidades; historia oral, cultura oral.

¹ Este ensaio é uma versão ampliada e revisada de uma conferência realizada em comemoração aos 40 anos do Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (UFF), no dia 11 de novembro de 2022, em Niterói (RJ).

² Diretora-Geral do Arquivo Lésbico Brasileiro (ALB). Mestre em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), jornalista pela Universidade de Brasília (UnB). Discente do Bacharelado em História na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio), paulasilveirabarbosa@edu.unirio.br.

 Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 29/01/2023
Aceito em 03/04/2023

*Para Teresa Maria Silvéria (in memoriam),
que se fez eterna em palavras
mesmo sem deixar escritos*

Considerações preliminares

Nas diferentes possibilidades de genealogia da história oral, o desenvolvimento desse campo de estudos está atrelado às trajetórias de segmentos sociais minorizados, como já demonstrou o historiador Michel Trebitsch (1994). Como exemplo, podemos citar trabalhadores, sobreviventes de conflitos armados, quilombolas e mulheres. Estas, que, aliás, por muito tempo, em variadas regiões e culturas, foram impedidas de acessar a educação formal, incluindo a alfabetização.

Se, por um lado, essa imbricação evidencia a fragilidade e a escassez de registros sobre os grupos supracitados, por outro lado, há a possibilidade de articular a oralidade como uma dimensão privilegiada de produção de sentidos e constituição de redes nessas comunidades que se pretendeu estigmatizar.

Esta é a perspectiva adotada neste ensaio, em que revisito referências marcantes para a lesbianidade³, seguindo uma cronologia histórica que considera marcos desde a Antiguidade até a contemporaneidade. Com isso, pretendo destacar a pluralidade das experiências lésbicas, discutindo sua capacidade de articulação e constituição de laços em diferentes espaços, temporalidades e segmentos sociais.

Por compreender que há uma relação direta entre os feminismos e as lesbianidades⁴, apresento, de maneira mais detalhada, as ações mobilizadas por lesbianas em um dos momentos mais profícuos do movimento feminista brasileiro que coincide, inclusive, com a oposição à ditadura militar iniciada em 1964. Ao final, explicito o valor dos testemunhos orais para o presente e o futuro das lesbianas, além de todas as pessoas que experienciam um “modo-muito-outro do gênero”, nas palavras de Catherine Walsh (2021, p. 197).

Um “boca a boca” ancestral

Em 1977, a historiadora Sherna Gluck escreveu que a história oral das mulheres é um encontro feminista. Neste ensaio, quero ampliar a abrangência dessa afirmação para o campo das lesbianidades. Parafraseando a pesquisadora estadunidense, pontuo que a história oral das lésbicas

³ Para os fins deste ensaio, a lesbianidade é entendida como um modo de vida disruptivo, como uma dissidência – à luz do que propôs Monique Wittig em *One is not born a woman*, que compõe *The straight mind and other essays* (1992). Trata-se, portanto, de uma abordagem que compreende a dimensão política dessa categoria, para além de um marcador social baseado apenas em práticas, preferências e desejos. Acrescento, ainda, que os termos lésbica e lesbiana são utilizados como sinônimos e seu uso é alternado apenas para melhor fluidez do texto.

⁴ Na perspectiva da historiadora Tania Navarro-Swain (2002), o questionamento do sexo e das práticas sexuais é um dos pontos comuns, senão o principal – acréscito –, entre feministas e lesbianas. Mas há também outros elementos relevantes, detalhados pela autora em *Feminismo e lesbianismo: quais os desafios?*



é um encontro feminista. Em que pese as constantes atualizações das identidades lesbianas e que nem todas as pessoas assim identificadas se digam mulheres, há uma convergência entre lésbicas e mulheres feministas no sentido da não identificação com a figura do masculino hegemônico.

Se os feminismos são os movimentos cujo horizonte são o fim da discriminação baseada no sexo e no gênero, assim como de outros sistemas que se articulam a essa violência, contar as experiências lesbianas a partir das vozes que tentaram extinguir exatamente pela ameaça que representavam ao patriarcado, é, sim, um encontro feminista⁵.

Os vestígios orais que atestam nossa existência vêm de longe. São múltiplos e variados. É sempre temerário dizer “a primeira”, “a mais antiga”, em história. Suspendendo esse risco temporariamente, atrevo-me a dizer que temos em Enheduana as primeiras dessas nossas fontes. Ela, filha do rei Sargão da Suméria, nos idos de 2.200 antes da Era Cristã, teria sido a primeira a evocar a lesbianidade. Por meio de seus cânticos e poemas, tornou-se uma referência importante não apenas para lésbicas, mas para a literatura. Conforme o tradutor e pesquisador Adriano Scandolara (2022, p. 13), o poema “Exaltação a Inana”, de Enheduana:

É a primeira obra assinada de que temos notícia. Contando o poema com mais de 4000 anos de idade, Enheduana não é apenas a primeira poeta mulher da história, mas a primeira pessoa, de qualquer gênero, em qualquer tempo, em qualquer lugar que escreveu o que chamamos de literatura.

No que se refere à obra dedicada à deusa Inana, Enheduana descreveu essa divindade como protetora do amor, dos amantes e de sua plena liberdade. Assim, indago: quantos rituais de amor não terão sido celebrados sob sua bênção? E se a androginia, seja da deusa ou da poeta, exposta em hinos religiosos não fosse uma questão? Esses registros são, então, atestados de uma época em que o sexo, o gênero e a sexualidade não se conjugavam em pares binários e estanques?

Nin-me-shara

Senhora dos dons

A exaltação de Inanna

[...]

7.

Na cidade que não clama “Esta terra é tua”
que não conclama “É do teu pai teu criador”
tu deste a ordem santa e dás agora as costas
e removeste os pés do tal curral

mulher ali não fala mais de amor com seu marido
e à noite não há mais o sussurro conjunto
e ela não mais revela o seu tesouro interno
vaca selvagem feroz filha mais velha de Suen
suprema sobre An quem te renega louvor?
(ENHEDUANA, 2022, p. 33-47).

⁵ Sobre as coalizões entre as diferentes correntes feministas consideradas para esta reflexão, ver as genealogias críticas propostas por Andrea Moruzzi (2022) e Francine Descarriès (2000).



Betty de Shong Meador (2000) foi precisa ao descrever os significados da expressão de androginia da deusa. Para a tradutora, “Inana representa a plena expressão de toda a gama de possibilidades para a identidade das mulheres” (p. 164, tradução minha)⁶.

A obra de Enheduana foi recuperada e preservada em tabuletas de barro, mas por muito tempo se manteve acessível apenas a alguns estudiosos. Depois de descobertos, seus cânticos ficaram ocultos por pelo menos 50 anos, como mostrou a Revista Pesquisa Fapesp em 2001. Por que será? Uma questão ainda sem resposta. No entanto, essa história nos permite afirmar: na boca das cantantes, nós existimos.

Uma referência posterior, que se tornou mais popular e incontornável para as lesbianas é Safo, que viveu no século VI anterior à Era Cristã. Poeta e iconoclasta de sua época, ela manteve uma escola para mulheres nos arredores de Mitilene, numa época em que posições de prestígio eram negadas às mulheres em outras regiões da Grécia. Seus poemas não são apenas registros de uma escritora da Antiguidade, mas vestígios de um tempo e um espaço em que as mulheres desfrutavam de liberdades políticas, econômicas e sexuais, como assinalou Tania Navarro-Swain (2000); são reminiscências de um tempo e um espaço em que a heterossexualidade ainda não tinha se imposto como norma de inclinação universal.

Em outro momento, quando a homossexualidade se torna crime passível de pena de morte, por iniciativa de Teodósio, Imperador Romano do Oriente, a obra de Safo sofre seu primeiro ataque. No ano 380 antes da Era Cristã, uma série de poesias da autora foi queimada. Posteriormente, no início do Cristianismo, os poemas sáficos são novamente queimados, dessa vez no Império do Ocidente. Com isso, o que nos chegou hoje foi apenas um poema completo e alguns fragmentos (NAVARRO-SWAIN, 2000).

As razões dessa perseguição intensa só seriam elaboradas e teorizadas no contexto dos movimentos feministas das décadas de 1970 e 1980. É o que Adrienne Rich (2010) apontou como heterossexualidade compulsória; ou, de maneira similar, regime político da heterossexualidade, nas palavras de Monique Wittig (1992). Fato é que, contrariando a norma, sobrevivemos. E também Safo e seus múltiplos significados, mesmo que em vestígios. Coincidentemente, um dos que resistiu ao tempo diz o seguinte: “sei que alguém no futuro também lembrará de nós” (SAFO, 2020, p. 397). Por isso, digo: na boca das poetisas, nós existimos.

Em outra esquina da história, o valor do testemunho, do “boca a boca”, também se impõe. A oralidade é patrimônio ancestral. Foi assim que negros e indígenas escravizados mantiveram

⁶ Texto original: “Inanna represents the full expression of the whole range of possibilities for woman’s identity.” (MEADOR, 2000, p. 164).



suas tradições. E não. Trazer a questão étnica-racial num cruzamento com a sexualidade não é algo despropositado. Lembremos que o colonialismo também tem sua dimensão heteronormativa. As obras de María Lugones (2020) e de Oyèrónkẹ Oyěwùmí (2021) são cristalinas na demonstração de como o binarismo de sexo, gênero e sexualidade nem sempre foi a regra, especialmente antes das invasões coloniais, seja nas Américas ou na África.

As culturas, os credos e os valores de outrora sobreviveram aqui por meio da oralidade. Exemplo disso é o pajubá. Para quem não conhece o termo, esclareço: trata-se do dialeto elaborado, inicialmente, nos terreiros de candomblé – especialmente aqueles ligados aos povos iorubá e nagô. Esses espaços, além de centros religiosos, foram e são um cadinho de resistência e preservação da memória e da cultura negra africana. E nela, o múltiplo, o plural são reverenciados. Não à toa, pessoas da comunidade LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queers, intersexos, assexuais e afins) têm uma antiga relação com esses espaços (GOMES JUNIOR, 2021).

Daí, por exemplo, a transposição dos termos nagô e iorubá para os redutos de sociabilidade desses grupos. Atravessando o tempo, o pajubá nos chega hoje com uma aura de humor e descontração. Mas, na ditadura, quando as polícias tinham salvo-conduto para prender e assediar quem violasse a “moral e os bons costumes”, o pajubá era a linguagem secreta para que travestis e prostitutas pudessem escapar das batidas policiais (CUNHA, 2021). Sim, houve perseguição a nós também naquele tempo. As operações Tarântula e Sapatão, promovidas pela Polícia Civil, no centro de São Paulo, são exemplos claros disso (CUNHA, 2016; QUINALHA, 2017).

Ao examinar notícias veiculadas na época, Renan Quinalha (2017) identificou que a Operação Sapatão deteve 200 mulheres que frequentavam a Rua Martinho Prado, na capital paulista. Nessa via estavam alguns dos bares e restaurantes de maior frequência lésbica nos anos 1980. O pesquisador também encontrou relatos de extorsão, agressões físicas e outras violações.

Já Neon Cunha (2016), também amparada em fontes jornalísticas, lembra que a Operação Tarântula, igualmente organizada pela Polícia Civil de São Paulo, dessa vez em 1987, tinha o objetivo de processar travestis e homossexuais por atentado ao pudor e “crime de contágio de Aids” (CUNHA, 2016, p. 19).

Mas também a esse período, nós sobrevivemos. Entre sussurros na noite, passamos adiante o sinal de alerta e a melhor rota de fuga. E assim, na boca das amigas e companheiras lesbianas e aliadas, nós existimos.

Por falar em ditadura, considero não ser possível retomar o debate sobre o período sem mencionar Marisa Fernandes. Ativista lésbica e feminista, atuante desde 1978, ela me escreveu na dedicatória de um livro uma vez: “Paulinha, resistiremos sempre, porque nascemos e renascemos



em todos os lugares e a cada dia”. Essas são palavras de alguém que viu suas amigas serem presas simplesmente por serem “sapatão”. “É sapatão? Pro camburão”, diziam os policiais sob o comando de Wilson Richetti no gueto lésbico da capital paulista.

Tudo isso aconteceu e foi documentado, por exemplo, naquilo que eu e outras pesquisadoras temos chamado de Imprensa Lésbica (SILVEIRA-BARBOSA, 2019). De 1981 até 2019, tivemos pelo menos 24 periódicos desse segmento circulando dentro e fora do Brasil. Mas é evidente que uma imprensa produzida em mimeógrafo, no recorta e cola, nas cópias tiradas em gráficas universitárias e distribuídas de mão em mão, dificilmente resistiria íntegra a mais de 40 anos. Sem contar o peso do estigma, que fez, muitas vezes, as próprias editoras ou leitoras destruírem tais materiais. Imaginem o tabu de dar pinta por aí carregando um boletim chamado *ChanaComChana*, *Xerereca* ou *Ponto G*. É demais, não? Até porque boa parte dessa história se deu, lembremos, num período em que a homossexualidade era considerada doença, além de uma inversão moral.

E como posso afirmar então que esses boletins, revistas e zines existiram? Pelos testemunhos orais. Durante minha pesquisa de mestrado em Jornalismo, tive a oportunidade de dialogar com várias lésbicas que atuaram nessa imprensa lesbiana. Foi a partir de suas vozes que criamos o imaginário desses periódicos, especialmente daqueles cujos exemplares já não se tem mais registro físico.

Nesses relatos, memórias de um tempo em que não se podia assinar artigos com nome e sobrenome. Mesmo as editoras precisavam ficar “no armário”. Foram poucas as que tiveram condições de se expor publicamente, mesmo após o fim da ditadura.

Também nos testemunhos, histórias de utopia da juventude libertária, das suas influências artísticas, intelectuais e de ativismos; memórias de amizades e inimizades que criaram, racharam e recriaram grupos de ação social. Parcerias políticas, amorosas e de trabalho. Sem contar as “histórias de heteror”, que era como muitos periódicos descreviam casos de preconceito e discriminação contra lésbicas e mulheres de maneira mais ampla (SILVEIRA-BARBOSA, 2019).

Sem a oralidade, dificilmente teríamos acesso a essas memórias. Seriam ainda mais escassas e fragmentadas, apesar dos esforços das pesquisadoras que lutam diuturnamente contra a máxima de que “o que a história não diz não existiu”, como bem pontua Tania Navarro-Swain (2000, p. 13). Hoje, podemos escrever uma história da Imprensa Lésbica contemporânea, com amplo acesso a fontes orais e escritas, registros digitais e interlocutoras totalmente “assumidas”, como se diz vulgarmente. Tudo isso porque, como disse Marisa Fernandes, na citação que fiz há pouco, nós “nascemos e renascemos em todos os lugares e a cada dia”. Por isso, afirmo: na boca das ativistas, nós existimos.



E já que mencionei a pesquisa em lesbianidades e a importância do testemunho, aproveito o ensejo para citar o estudo de Nadia Nogueira (2005). Ao contar amores e desencontros no Rio de Janeiro das décadas de 1950 e 1960, foi o depoimento de lésbicas que viveram naquela época que lhe permitiu reconstituir a cena de sociabilidade lésbica daquele período. Afinal, estamos falando de um momento em que sequer havia organizações mais sólidas, como tivemos a partir dos anos 1980.

Os testemunhos coletados por Nadia propiciaram a cartografia dos espaços onde as lésbicas se encontravam, como se identificavam e de que maneira conseguiam viver, apesar de todo o conservadorismo da época. Essa pesquisa é digna de nota por uma série de razões, mas, para mim, a mais especial foi o desvelamento da história por trás da expressão vulgarmente usada para se referir às lésbicas, a saber: “sapatão”.

Conta uma das interlocutoras de Nadia que para identificar uma igual, era preciso estar atenta ao figurino. A dica infalível era reparar se a moça usava um mocassim, um clássico sapatão. Por isso, as lésbicas, além de serem chamadas tríbades, sáficas, fanchas, caminhoneiras, atendem por “sapatão”. Termo, aliás, que foi orgulhosamente lavado de sua conotação pejorativa por nós, que notamos que ser dissidentes dessa sociedade não é motivo de vergonha, mas sim de orgulho. Há que se ter coragem para desnaturalizar o sexo, o gênero, a sexualidade. E é o que faz cada lésbica ao se enunciar também como “sapatão”. Por isso, afirmo: na boca de cada lesbiana, anônima ou não, nós existimos.

Outra pesquisa notável é *O discurso da homossexualidade feminina*, de Denise Portinari (1989). Também baseada em depoimentos, a autora conseguiu descortinar um pouco mais dos significados da lesbianidade. É importante frisar que a pesquisa é resultado da dissertação de Portinari, apresentada em 1987. Ou seja, antes da despatologização da homossexualidade pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que só viria a ocorrer em maio de 1990.

Num movimento pioneiro, Denise partiu das lésbicas e do que elas diziam de si mesmas para elaborar sua pesquisa. Enquanto a ciência, a medicina, a psicologia e outras áreas estavam obcecadas em definir e classificar a homossexualidade, Denise, atenta aos dizeres lesbianos, sintetizava a subversão que a existência dessas pessoas representava. Muito além de qualquer categoria, essência e univocidade.

Inspirada em pesquisas como as dela, gosto de dizer que o que define a lesbianidade é justamente a imaterialidade, a recusa da norma. Lesbianidade... tão distinta que inclassificável, indescritível. Simplesmente revolucionária. E depois de tanto mencionar estudos notáveis, não há como não dizer: na boca das pesquisadoras, nós existimos.



De volta ao argumento central deste ensaio, acrescento que a mesma década de 1980, marcada pela constituição de espaços de sociabilidade como aqueles frequentados pelas interlocutoras de Denise Portinari (1989), constitui um capítulo *sui generis* da história da Música Popular Brasileira (MPB). Se antes já havia, no senso comum, uma correlação entre esse gênero musical e a lesbianidade, na década de 1980 o tema fica mais em voga (PROCÓPIO; LAGO; MÜLLER, 2018). Entre os motivos, podemos citar desde as abordagens sensacionalistas e estigmatizantes de determinados segmentos da imprensa até as próprias declarações e aparições públicas de cantoras que subvertiam aquilo que era socialmente esperado das mulheres, inclusive a heterossexualidade.

Sobre o tema, é importante destacar o pioneirismo de Leci Brandão que, em 1978, falou abertamente sobre sua sexualidade ao jornal *Lampião da Esquina*⁷. Na ocasião, foram evidenciadas também outras ações de vanguarda da cantora. Entre elas está a sua entrada na ala de compositores da Mangueira, uma das maiores e mais tradicionais escolas de samba do Rio de Janeiro e que até 1971 não admitia mulheres como letristas. Há, ainda, sua insurgência contra o mercado fonográfico e a denúncia daquilo que apenas mais recentemente passamos a chamar de *pink money*⁸. “O sistema descobriu uma coisa: guei agora vende, dá bom lucro”, disse Leci à época (LAMPÃO DA ESQUINA, 1978, n. 6, p. 10).

Tais ações reforçam o quanto as experiências lesbianas são plurais e estão imbricadas a outros contextos além da sexualidade no âmbito da vida privada. Tanto é que, em 1977, o “Ombro amigo”, normalmente restrito aos chamados guetos gays e lésbicos, foi composto e cantado por Leci. “Eu sei que as pessoas lhe agridem / E até mesmo proibem / Sua forma de amor / E você tem que ir pra boate / Pra bater um papo / Ou desabafar”, escreveu a artista. Por isso, digo: nos versos das compositoras, nós existimos.

Finalmente, confesso que, ao elaborar este texto, tentei ao máximo fugir do tema do amor, do sexo. Há muito, as lesbianas feministas e os teóricos queer apontam a necessidade de compreender as identidades e as comunidades em sua dimensão política. Ao falar de amor, parece que, de certa forma, domesticamos uma condição revolucionária; esvaziamos o sentido político dessas existências. No entanto, não há como negar, que seja nos hinos, nas músicas, nos poemas, nas pesquisas e até na imprensa, muito do que nos moveu ao longo da história foi o amor.

7 Periódico gay editado de 1978 a 1981, notório por ser o primeiro do segmento a ser distribuído em bancas de todas as regiões do país, além de algumas cidades do exterior (PÉRET, 2011).

8 Como explica Bruna Andrade Irineu (2021, p. 581-582), “*pink money* é um termo para denominar a capacidade de consumo da comunidade LGBTI e a apropriação disso pelo mercado na constituição de nichos de circulação de mercadoria destinada a este segmento. O uso do termo por ativistas e pesquisadoras/es tem se dado na tentativa de explicar os limites da cidadania liberal e as hierarquias de raça e classe social as quais LGBTI também estão submetidos na realidade social”.



Mas aqui, quero ampliar essa noção. Não quero reiterar o discurso de que lésbicas são “mulheres que amam mulheres”. Lésbicas estão além do gênero – e ousaria dizer que estão até contra ele. Lésbicas rejeitaram a normatividade. Lésbicas se definem a partir de si mesmas e da sua liberdade, alcançada quando se recusaram a cumprir com os papéis socialmente esperados delas (WITTIG, 1992).

Essa desnaturalização das noções de amor, afetividade, sexualidade e das próprias sujeitas é o que materializa o encontro feminista a que fiz menção no início desta incursão. Incursão essa mobilizada a partir da oralidade – muitas vezes tida como “o que restou” ou “os únicos vestígios possíveis” da existência lesbiana, mas que procurei abordar como espaço particular e privilegiado para a constituição de laços afetivos em sentido amplo. Dito isso, e entendendo o amor como prática, nos termos de bell hooks (2021), sinto que posso falar da dimensão afetiva e amorosa da lesbianidade.

Lésbicas são sujeitas que amam intensamente desde os primórdios. Amam quando cantam um desejo proibido; quando ousam fazer poesia para uma igual; quando recitam esses mesmos versos em saraus escondidos, socializando seu amor e gerando identificação em outras amantes; amam quando estabelecem uma rede de articulação política na calada da noite, em bares com acessos escondidos e cuja senha de entrada se passa de boca em boca, somente para “entendidas”; amam quando constroem um *continuum* de existências dissidentes que não precisa de alianças, exclusividade ou mesmo vida comum para se legitimar; amam quando se nomeiam para que outras, no presente e no futuro, possam também se enunciar. De múltiplas e variadas formas, as lésbicas amam. Por isso, encerro dizendo: na boca das amantes, nós também existimos. E foi assim que, de “boca a boca”, nós, lésbicas, chegamos até aqui.

Referências

BRANDÃO, Leci. *Ombro amigo*. Londres: Polydor Records, 1977. LP (40' 15").

CUNHA, Neon. Da sobrevivência LGBTs aos princípios de Yogyakarta e o Observatório no Grande ABC. In: DA COSTA, Ana Carolina Francischette et al. (Org.). *Gênero e diversidade sexual: percursos e reflexões na construção de um observatório LGBT*. São Paulo: Pontocom, 2016.

CUNHA, Neon. *Pluralidades – Ep. 6 – Neon Cunha*. YouTube, fev. 2021. Entrevista concedida a Caê Vasconcelos. Ponte Jornalismo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W8MbkApI5eQ>. Acesso em: 28 jan. 2023.

DESCARRIÈS, Francine. Teorias feministas: liberação e solidariedade



no plural. *Textos de História*, v. 8, n. 1-2, p. 9-45, 2000.

ENHEDUANA. *Inana: antes da poesia ser palavra era mulher*. São Paulo: Sob influência, 2022.

GLUCK, Sherna. What's so Special about Women? Women's Oral History. *Frontiers*, v. 2, n. 2, p. 3-17, 1977.

GOMES JUNIOR, João. O pajubá como tecnologia linguística na constituição de identidades e resistências de travestis. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, v. 14, n. 43, p. 300-314, 2021.

hooks, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Dois Pontos, 2021.

IRINEU, Bruna Andrade. A política pública LGBT na agenda dos governos PT no Brasil: tensões entre o "ineditismo" e a política conciliatória. *Serviço Social em Revista*, v. 24, n. 2, p. 566-583, 2021.

LAMPIÃO DA ESQUINA. A música entendida de dona Leci Brandão. Rio de Janeiro: Esquina Editora, n. 6, nov. 1978, p. 10-11.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: DE HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MEADOR, Betty de Shong. *Inanna, lady of largest heart*. Austin: University of Texas Press, 2000.

MORUZZI, Andrea. O feminismo como pedagogia e inflexões sobre a ideia de cidadania. *Interações*, v. 18, n. 61, p. 4-28, 2022.

NAVARRO-SWAIN, Tania. *O que é lesbianismo?* São Paulo: Brasiliense, 2000

NAVARRO-SWAIN, Tania. Feminismo e lesbianismo: quais os desafios? *Labrys*, v. 1, n. 1-2, n. p. Disponível em: https://www.labrys.net.br/labrys1_2/femles.html. Acesso em: 11 abr. 2023.

NOGUEIRA, Nadia. *Lota Macedo Soares e Elizabeth Bishop: amores e desencontros no Rio dos anos 1950-1960*. 2005. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 305 f. 2005.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Tradução: wanderson flor do nascimento. Bazar do Tempo: Rio de Janeiro, 2021.

PÉRET, Flávia. *Imprensa Gay no Brasil: entre a militância e o consumo*. São Paulo: Publifolha, 2011.

PORTINARI, Denise. *O discurso da homossexualidade feminina*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

PROCÓPIO, Adélia S.; LAGO, Mara C. S.; MÜLLER, Vânia B. Gênero e sexualidade nos discursos de ícones lésbicos e bissexuais da MPB. In: I AQUENDA DE COMUNICAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES, 2018, Porto Alegre, RS. *Anais [...]*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018. p. 25-41.



QUINALHA, Renan. *Contra a moral e os bons costumes: a política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)*. 2017. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) – Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 329 f. 2017.

REVISTA PESQUISA FAPESP. *Traduzidos poemas mais antigos*. 2001. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/traduzidos-poemas-mais-antigos/>. Acesso em: 28 jan. 2023.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. Tradução de Carlos Guilherme do Valle. *Bagoas*, v. 4, n. 5, p. 17-44, 2010.

SAFO. *Fragments completos*. Tradução de Guilherme Gontijo Flores. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2020.

SCANDOLARA, Adriano. Introdução. *Inana: antes da poesia ser palavra era mulher*. São Paulo: Sob influência, 2022, p. 13-30.

SILVEIRA-BARBOSA, Paula. *Trajetória da Imprensa Lésbica no Brasil (1981-1995): uma história possível para (re)-pensar o jornalismo*. 2019. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 281 f. 2019.

TREBITSCH, Michel. A função epistemológica e ideológica da história oral no discurso da história contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *História oral e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Diadorim Editora, 1994. p. 19-44.

WALSH, Catherine. Sobre o gênero e seu modo-muito-outro. *Epistemologias do Sul*, v. 5, n. 2, p. 188-201, 2021.

WITTIG, Monique. *The Straight Mind and Other Essays*. Boston: Beacon Press, 1992.

